

A DESCOBERTA AUSTRAL DE RÉTIF DE LA BRETONNE: ENTRE O ANTICOLONIALISMO E O IMPERIALISMO BENEVOLENTE*

LA DÉCOUVERTE AUSTRALE DU RÉTIF DE LA BRETONNE:
ENTRE L'ANTICOLONIALISME ET L'IMPÉRIALISME BIENVEILLANT

Renato Moscateli**

RESUMO:

Entre as críticas feitas por autores das Luzes às práticas políticas de sua época, a denúncia dos males do colonialismo ganhou espaço em diversas obras, tais como as de Rousseau, Diderot e Mercier, cada qual com seu modo próprio de enfocar o tema. No romance intitulado *A descoberta austral por um homem voador, ou o Dédalo francês*, publicado em 1781, Rétif de la Bretonne, por sua vez, mobiliza os gêneros da utopia e da ficção científica para realizar fortes censuras ao expansionismo exploratório europeu, mas, ao mesmo tempo, nos dá margem para levantar questionamentos relevantes sobre o tipo de imperialismo benevolente que coloca em seu lugar. Meu objetivo, portanto, é enveredar por essa problemática na obra de Rétif, mediante a análise das várias vozes dos personagens que a abordam ao longo do texto, discutindo tópicos pertinentes às múltiplas facetas das imagens do colonialismo no séc. XVIII, confrontando as possíveis contradições entre seus discursos justificatórios e suas formas de atuação, ou ainda entre os meios e os fins nele envolvidos.

PALAVRAS-CHAVE: Rétif de la Bretonne; *A descoberta austral*; crítica ao colonialismo; utopia; ficção científica.

RÉSUMÉ

Parmi les critiques formulées par les auteurs des Lumières à l'égard des pratiques politiques de leur temps, la dénonciation des maux du colonialisme trouve lieu dans divers ouvrages, comme ceux de Rousseau, Diderot et Mercier, chacun avec sa manière d'envisager le thème. Dans le roman intitulé *La découverte australe par un homme volant, ou le Dédale français*, publié en 1781, Rétif de la Bretonne, à son tour, mobilise les genres de l'utopie et de la science-fiction pour censurer fortement l'expansionnisme exploratoire européen, mais, en même temps, nous donne la possibilité de soulever des questions pertinentes sur le type d'impérialisme bienveillant qu'il met à sa place. Donc, mon objectif est d'explorer cette question dans l'œuvre de Rétif, à travers l'analyse des différentes voix des personnages qui l'abordent tout au long du texte, en discutant des sujets pertinents aux multiples facettes des images du colonialisme au XVIIIe siècle, et en confrontant les possibles contradictions entre ses discours justificatifs et ses formes d'action, ou encore entre les moyens et les fins en jeu.

MOTS-CLÉS : Rétif de la Bretonne; *La découverte australe*; critique du colonialisme; utopie; science-fiction.

* Artigo recebido em 16/02/2025 e aprovado para publicação em 07/04/2025.

** Doutor em Filosofia pela UNICAMP. Professor da UFG. E-mail: rmoscateli@hotmail.com.

INTRODUÇÃO

Entre as críticas feitas por autores das Luzes às práticas políticas de sua época, a denúncia dos males do colonialismo ganhou espaço em várias obras, como as de Rousseau¹, Diderot² e Mercier³. Juntando-se a eles, Rétif de la Bretonne escreveu o romance intitulado *A descoberta austral por um homem voador, ou o Dédalo francês*, publicado em 1781, que fornece mais elementos para essas censuras ao colonialismo exploratório europeu, mas, ao mesmo tempo, não deixa de levantar questionamentos relevantes sobre o tipo de imperialismo benevolente que coloca em seu lugar. Meu objetivo neste trabalho, portanto, é enveredar por essa problemática na obra de Rétif, mediante a análise das várias vozes dos personagens que a abordam ao longo do texto, como fonte para discutir tópicos pertinentes às múltiplas facetas das imagens do colonialismo no séc. XVIII, confrontando as possíveis contradições entre seus discursos justificatórios e suas formas de atuação, ou ainda entre os meios e os fins nele envolvidos.

1 A CRIAÇÃO DO NOVO: INVENÇÃO TECNOLÓGICA E FUNDAÇÃO POLÍTICA

A descoberta austral é uma das dezenas de escritos de Nicolas Edme Rétif de la Bretonne (1734-1806), cuja obra variou da literatura erótica à autobiografia, passando por diversas propostas de reformas sociais. Ela poderia ser vista somente como mais uma dentre tantas utopias insulares existentes até então, mas suas peculiaridades dão-lhe um lugar de destaque no gênero. Desde o início do texto, o autor se esforçou para lhe emprestar um efeito

¹ Na teoria republicana expressa no *Contrato Social* (1964), encontra-se uma concepção de liberdade política que requer a reciprocidade de direitos e deveres entre aqueles que compõem um Estado legítimo, de modo que a condição livre de uns não seja obtida mediante a submissão de outros, uma tese que, no pensamento do genebrino, também se estende à relação entre os Estados, o que resulta em duras condenações ao “direito de conquista” que supostamente validava a dominação imperialista e a escravidão impostas pelos europeus a outros povos. Esse alegado direito, escreve Rousseau, baseia-se apenas na “lei do mais forte” e, por isso mesmo, não autentica qualquer pretensão a poder massacrar ou retirar a liberdade dos vencidos.

² Em *Suplemento à viagem de Bougainville*, Diderot (1973) utiliza o caso dos taitianos, que haviam sido recentemente “descobertos” pelos exploradores da Europa no Oceano Pacífico, para colocar em evidência um contraste crítico entre os costumes deles e os dos franceses, alertando para as inúmeras consequências nefastas que a chegada dos estrangeiros poderia causar nessa comunidade ao colonizá-la e desagregar seu modo de vida.

³ Em *O ano 2440*, Mercier (1771) recorre à ficção futurista para criticar as violências atrozes cometidas durante a colonização da América, em especial pelos espanhóis, denunciando-as por meio da representação de uma época no qual os povos oprimidos e escravizados do continente teriam se libertado de seus opressores. Graças a essa revolução liderada pelo “vingador do novo mundo”, um herói negro que inflamou a revolta contra os grilhões de uma tirania que tinha durado por séculos, teriam ocorrido alterações profundas nas relações entre os povos americanos e europeus, pois os antigos senhores haviam aprendido com os erros do passado a fim de abolir suas ambições imperialistas sobre outras nações

de veracidade, como se fosse o registro de uma história real da qual ele foi o ouvinte⁴, ou melhor dizendo, o ouvinte seria um “duplo” ficcional de Rétif cujo nome é escrito ao contrário (“Salocin-Emde-Fitér”, à maneira da língua do povo dos megapatagões que surgirá ao longo da história). Nela, um cidadão da Ilha Cristina, república localizada em um ponto remoto no hemisfério austral, teria lhe contado que décadas atrás um rapaz francês chamado Vitorino tivera a ideia de construir asas artificiais. Graças a esse dispositivo revolucionário, pôde atingir o alto do Monte Inacessível, para onde gradativamente transportou pessoas com diversas habilidades e conhecimentos, animais, plantas e tudo o mais de que precisava para instituir ali uma pequena comunidade exemplar pela boa conduta de seus membros, bem como pela sabedoria de suas leis. Essa invenção desempenha um papel essencial nos eventos do livro e é um dos elementos que o insere no gênero da ficção científica, o qual, segundo Darko Suvin, pode ser distinguido “*pela hegemonia ou pelo predomínio narrativo de um ‘novum’ (novidade, inovação) ficcional*” (2021, p. 169), uma inovação que é “totalizante” porque produz uma mudança muito substancial no universo do relato em questão. O autor comenta que esse *novum* pode ter diferentes graus de magnitude nas variadas narrativas da ficção científica, “indo do mínimo, presente em uma nova ‘invenção’ pontual (equipamento, técnica, fenômeno, relação), ao máximo, de um cenário (*locus* espaço-temporal), agente (personagem principal ou personagens) e/ou de relações basicamente novas e desconhecidas no ambiente do autor” (Suvin, 2021, p. 170). N’*A descoberta austral*, encontramos muitos elementos que perfazem essa gradação, a começar justamente pela introdução das asas artificiais que funcionam como o *novum* tecnológico pelo qual o protagonista ultrapassa as limitações físicas e sociais de sua condição pessoal, tornando-se capaz de não apenas fundar uma nova comunidade política, como também de ordenar as relações sociais dentro dela como soberano e legislador para seus membros, de uma maneira que, como comentarei mais adiante, se não rompia totalmente com os costumes da França setecentista, ainda assim subvertia algumas de suas hierarquias mais relevantes, no intuito de instituir condições igualitárias entre seus súditos⁵. Afinal, no início do romance Vitorino era apenas um plebeu, filho do procurador fiscal que trabalhava para um

⁴ Uma estratégia já explorada por outros livros, aliás, incluindo a célebre *Utopia*, de Thomas More. Na obra, o autor diz reproduzir o relato que ele e seu amigo Peter Giles teriam ouvido do marinheiro português Rafael Hitlodeu, o qual busca expor detalhadamente o modo de vida na ilha bem-aventurada que teve a sorte de encontrar em uma de suas viagens: “Se tivésseis estado comigo no país de Utopia, se tivésseis visto seus costumes e suas instituições como eu, que lá passei mais de cinco anos – e que jamais teria consentido em sair, o que só fiz para revelar sua existência ao mundo – enfim, se tivésseis visto esse lugar, reconheceríeis, sem hesitação, que não pode haver outro povo tão bem governado” (More, 2004, p. 44).

⁵ O caráter utópico que perpassa a comunidade fundada por Vitorino, assim como a dos gigantes megapatagões que também será abordada no romance, reforça os vínculos entre utopia e ficção científica como gêneros, tal como pensado por Darko Suvin: “Por toda a sua aventura, romance, popularização e maravilha, a FC pode finalmente ser escrita apenas entre os horizontes da utopia e da antiutopia” (1979, p. 61-62; tradução nossa).

aristocrata da região francesa do Delfinado, mas havia se apaixonado por Cristina, a filha desse nobre, e desejava ardentemente conseguir desposá-la, o que jamais aconteceria nas condições normais da sociedade hierarquizada do Antigo Regime em que viviam. Diante disso, a obtenção da faculdade de voar é o fator crucial que impulsionou o personagem para muito além de suas origens, permitindo-lhe realizar grandes feitos e conquistas por meio dos quais adquiriu a nobreza por seus próprios méritos, uma grandeza pessoal que também lhe garantiu a mão e o amor da jovem Cristina.

Nesse sentido, a narrativa de Rétif apresenta, por um lado, a trajetória de Vitorino como a de um herói engenhoso e audaz que moldou um novo mundo à sua volta – digno, pois, da alcunha de “Dédalo francês” presente no subtítulo da obra, e que remete ao mítico inventor grego da Antiguidade. Em relação a isso, o autor se esmerou em fornecer aos leitores da obra muitos detalhes técnicos sobre a construção e o funcionamento das asas artificiais, inclusive mediante as ilustrações que acompanham o texto, como para amparar a ideia de que tal invenção pudesse ser realizada na prática⁶. Para Scott Sanders (2015), essa imagética mobilizada por Rétif permite fazer algumas interessantes aproximações com aquela construída para a glorificação do rei Luís XIV no século anterior, nos espetáculos teatrais em que máquinas maravilhosas eram utilizadas para criar efeitos fantásticos aos olhos do público, dando a impressão de que forças sobrenaturais e divinas estavam em ação. Porém, comenta Sanders, embora Vitorino se assemelhasse ao Rei Sol no uso de máquinas que produziam demonstrações espetaculares de seu poder, ele se distinguia do monarca – no plano ficcional, é claro – com base na engenhosidade com a qual criou asas artificiais que realmente funcionavam. Logo, essa engenhosidade “representa uma versão modificada da soberania na qual o mérito é elevado acima do nascimento” e que “também enfatiza a inteligência e a perspicácia de um inventor como qualidades essenciais de um governante” (Sanders, 2015, p. 51; tradução nossa). Por outro lado, como Sanders ressalta, essa mesma representação do herói retiviano traz consigo razões para se interrogar os modos pelos quais ele empregou sua invenção para alcançar os objetivos a que tinha se proposto, de maneira que “*A descoberta austral* essencialmente revisita a difícil questão do poder tecnológico e da unidade social, uma questão que conecta as filosofias iluministas à ficção científica moderna” (2015, p. 54; tradução nossa). De fato, esse é um tópico que certamente merece uma abordagem crítica na análise da obra.

⁶ Ver, no “Prefácio Necessário” do romance, as menções ao “Sr. de B-Ile”, isto é, Jean-François Boyvin de Bonnetot, marquês de Bacqueville (1688-1760) – que supostamente teria realizado uma experiência de voo bem-sucedida em Paris, no ano de 1742, usando asas para planar – e a uma espécie de “barco voador”, possivelmente o balão construído pelo padre Bartolomeu Lourenço de Gusmão (1685-1724), e que voou em 1709 em Lisboa.

Como dito acima, o personagem precisou reunir um grupo de pessoas para formar a população original de sua colônia no topo do Monte Inacessível, e ele o fez usando seu dispositivo voador para capturá-las e carregá-las como se fosse uma ave de rapina e elas, as suas presas. Uma vez deixados naquele local de onde não conseguiriam sair por si mesmos, esses indivíduos passaram a obedecer fielmente às ordens dadas por Vitorino, temendo que ele fosse um diabo ou um feiticeiro, dado o seu poder de voar. Assim, o medo frente ao desconhecido funcionou como na famosa lei posteriormente formulada pelo escritor de ficção científica Arthur C. Clarke, segundo a qual “Qualquer tecnologia suficientemente avançada é indistinguível da magia” (1977, p. 39; tradução nossa), e tal foi o sentimento provocado nos espíritos dos cativos⁷. As ações de Vitorino também acabaram gerando boatos de que um grande pássaro assolava a região do Delfinado e estava atacando seus moradores, um rumor do qual o personagem se serviu bem quando raptou Cristina. Apavorada ao se ver levantada do solo daquela maneira, a jovem desfaleceu, e depois que despertou já no alto do Monte Inacessível, Vitorino a convenceu de que ela havia sido vítima do famigerado predador alado, do qual ele a teria salvado afugentando-o. Para completar seu engodo, o protagonista lhe disse que tinha inventado asas mecânicas tão logo soube do perigo representado por aquele pássaro, mas que, infelizmente, elas não eram fortes o bastante para carregar mais de uma pessoa, de forma que ele não poderia levá-la de volta para casa, mas ficaria ali para protegê-la por tanto tempo quanto ela desejasse, provendo-a de todas coisas de que tivesse necessidade. Todos os demais habitantes da colônia confirmaram essa história, tendo sido ameaçados de morte por Vitorino caso se desviassem dela.

Como essa breve síntese da primeira parte da obra revela, a fundação do reino de Vitorino, que ele havia concebido para ter a bela Cristina como sua soberana e esposa, é marcada por diversos atos criminosos propiciados pela superioridade tecnológica do personagem, o que nos remete a um problema clássico discutido por diversos pensadores antes e depois de Rétif, a saber, o da relação entre os meios e os fins no âmbito da política. Um desses pensadores é Nicolau Maquiavel, que em *O Príncipe* e nos *Discursos sobre a primeira década de Tito Lívio* comenta acerca das dificuldades inerentes à tarefa de se fundar um principado ou

⁷ Não obstante o fato de a figura de Vitorino como um homem voador derivar de um poder que lhe foi concedido pela tecnologia, para Sanders, trata-se de uma imagem que precisa ser compreendida tendo-se em mente os elementos sagrados das representações monárquicas do Antigo Regime: “Dentro do contexto mais amplo da soberania e do sobrenatural, a máquina de Vitorino o eleva à ordem sobrenatural do poder, um poder semelhante [...] à autoridade sagrada do rei francês. Em vez de meramente reciclar imagens do poder absolutista, a máquina voadora de Vitorino reimagina e revigora o direito divino de soberania que estava erodindo na França durante a última parte do século XVIII” (2015, p. 46; tradução nossa).

uma república, cenário em que o instituidor de um estado muitas vezes precisa realizar ações extraordinárias para ser bem-sucedido em dar uma nova forma à matéria humana que têm diante de si⁸. De acordo com o florentino, não se deveria condenar quem assim procede com *virtù* para concretizar o objetivo louvável de deixar um estado bem-ordenado para a posteridade, pois “[c]umpre que, se o fato o acusa, o efeito o escuse; e quando o efeito for bom, como o de Rômulo” – que havia matado o próprio irmão no momento da criação da cidade de Roma –, esse efeito “sempre o escusará: porque se deve repreender quem é violento para estragar, e não quem o é para consertar” (Maquiavel, 2007, p. 41). Dessa maneira, mesmo um assassinato poderia ser justificável se suas consequências políticas fossem positivas a longo prazo, tal como a história romana mostrava, no entendimento de Maquiavel⁹. Por uma perspectiva como essa, os crimes de Vitorino seriam aceitáveis na medida em que constituiriam modos extraordinários que ele teve a necessidade de usar para uma instituição política na qual – em conformidade com algo que o autor dos *Discursos* também aborda – não se tinha em mira beneficiar apenas o fundador e sua descendência. E é justamente isso que a continuidade da narrativa de Rétif dá a entender, uma vez que a passagem do tempo na colônia iniciada por Vitorino havia demonstrado tanto a sabedoria dos atos desse jovem soberano quanto a felicidade resultante dela para os seus súditos. Embora inicialmente trazidos à força para o Monte Inacessível e submetidos à obediência pelo medo dos poderes supostamente sobrenaturais de seu senhor – vale lembrar que o recurso ao sobrenatural é outro dos meios que os ordenadores políticos devem saber utilizar, como Maquiavel indica nos *Discursos* (livro I, cap. 11) –, eles foram tão bem governados dali em diante que tiveram muitos motivos de se alegrar com suas novas condições de vida. A descrição dada

⁸ Como se lê no capítulo 6 de *O Príncipe*, Maquiavel entende que aqueles que se engajam na instituição de uma nova ordem política enfrentam vários desafios relacionados, em boa medida, aos “novos métodos que são obrigados a introduzir para fundar o seu estado e a sua segurança. Devemos convir que não há coisa mais difícil de se fazer, mais duvidosa de se alcançar, ou mais perigosa de se manejar do que ser o introdutor de uma nova ordem” (2001, p. 25). Diante disso, e tendo em mente os casos exitosos de príncipes excelentes conhecidos ao longo da história, o autor observa a necessidade de se buscar convencer os súditos dessa nova ordem acerca das vantagens que ela trouxe consigo, mas sem negligenciar os meios para obrigá-los a aceitá-la mesmo quando esse convencimento for insuficiente: “todos os profetas armados vencem, enquanto os desarmados se arruinam, porque, além do que já ficou dito, a natureza dos povos é variável; e, se é fácil persuadi-los de uma coisa, é difícil firmá-los naquela convicção. Por isso, convém estar organizado de modo que, quando não acreditarem mais, seja possível fazê-los crer à força” (2001, p. 25-26).

⁹ Não se busca aqui, é claro, endossar uma interpretação simplista sobre o pensamento de Maquiavel, atribuindo-lhe erroneamente a máxima de que “os fins justificam os meios” em quaisquer circunstâncias políticas. Todavia, é preciso reconhecer que o pensador florentino não deixou de considerar a violência como um dentre os instrumentos disponíveis a serem utilizados na política, e discutiu com cuidado questões que envolvem tanto a eficiência desse instrumento quanto seus riscos inerentes, seja nos principados – quando trata “dos que chegaram ao principado por atos criminosos”, no capítulo 8 d’*O Príncipe*, por exemplo –, seja nas repúblicas – quando aborda o recurso aos modos extraordinários (as armas e as forças estrangeiras) de resolução de conflitos, como nos capítulos 7, 18 e 37 do livro I dos *Discursos*.

por Rétif é a de uma comunidade idílica e até mesmo utópica, onde os habitantes “[v]iviam na abundância e nos prazeres: pouco trabalho, diversões repetidas sem cessar, uma bela morada, ares excelentes, uma boa alimentação (...). Cada casal tinha filhos muito belos e em grande número”, produzindo assim as novas gerações da colônia. E se tudo ia bem do ponto de vista material, o mesmo se podia dizer no tocante ao moral, já que, nas palavras do narrador:

Os vícios não existiam sobre o Monte Inacessível e ali se viam reinar todas as virtudes. Amizade fraternal, a apoio mútuo, zelo, amor, *gentileza*; todos os indivíduos existiam tanto nos outros quanto em si mesmos. A menor indisposição de um membro alarmava toda a sociedade. As crianças eram igualmente queridas, elas eram de todos, mas eram amadas como um filho único. Vê-se bem que não podia haver interesse ali, nem qualquer outro vício. Os vícios ali teriam sido uma loucura, e jamais, jamais o homem é vicioso a não ser que o regime social onde vive seja perverso o bastante para que o vício seja uma vantagem... Oh, Legisladores! Tolos que desejais tornar os outros sábios, como mereceis frequentemente todo o nosso desprezo!... De resto, a virtude, sobre o Monte Inacessível, é muito natural. Eu o repito, toda sociedade limitada o bastante para que os indivíduos nela sejam iguais, conheçam-se todos, precisem todos uns dos outros, é necessariamente feliz e virtuosa. Eis a chave. Não sei se algum moralista a encontrou (Rétif de la Bretonne, 1781, p. 138-141; tradução nossa)¹⁰.

Assim, a prosperidade alcançada pela colônia ao longo dos anos parece ter produzido em seus membros um processo de esquecimento dos atos espúrios cometidos em suas origens ou, ao menos, uma interpretação mais benévola deles a partir das consequências que produziram. A própria Cristina, após ouvir a confissão do marido sobre como a havia raptado e enganado por muito tempo para tê-la em sua companhia no Monte Inacessível, acabou por perdoá-lo e relevou todos esses delitos passados em nome do amor que aprendera a nutrir por ele, e também pela felicidade que tinha junto ao marido e aos filhos naquele reino que havia sido erigido para tê-la como soberana. Governando aquela pequena colônia com uma autoridade simultaneamente política e paternal, como um monarca virtuoso e sábio legislador, Vitorino foi capaz de fazer com que todos aceitassem como justificáveis as suas ações, pois elas teriam sido movidas, como comenta Sanders, não por interesses meramente egoístas, mas pelo nobre fim de implementar um “projeto de engenharia social”, isto é, criar “uma utopia colonial” (2015, p. 54; tradução nossa) com igualdade para seus membros, uma vez que, com a exceção de alguns privilégios específicos para a família reinante – sobretudo o monopólio do poder tecnológico de voar –, todos os colonos viviam sob as mesmas leis e condições, sem a reprodução das

¹⁰ Apesar da ressalva ao final do trecho, a “chave” para a felicidade e a virtude aí indicada ecoa fortemente as ideias políticas e morais de Rousseau, sem dúvida conhecidas de Rétif, as quais podem ser encontradas quando o genebrino fala das condições propícias ao bom ordenamento das comunidades humanas, seja no âmbito republicano tratado no *Contrato Social*, seja no espaço privado como se vê em *A Nova Heloísa*, por exemplo.

distinções aristocráticas da sociedade francesa¹¹.

Sem dúvida, é possível ver nesse cenário o modo como Rétif nos oferece uma representação ficcional, em pequena escala, de processos históricos nos quais são construídas as memórias coletivas das nações, bem como as narrativas quase míticas de suas origens sociais e políticas. Frequentemente marcada por acontecimentos violentos como invasões, guerras, massacres e escravidão, como na expansão colonial europeia da era moderna, a formação de Estados e impérios é seguida por séculos nos quais os grupos dominantes promovem a difusão de discursos próprios para retratar positivamente esses eventos, como se fossem etapas necessárias à realização de objetivos sempre muito elevados, entre eles a propagação da verdadeira religião, o progresso econômico, a integração entre os povos, enfim, os avanços da civilização. E é inerente a esses discursos buscar também o apagamento seletivo da recordação de tudo o que destoia dessa imagem, para que as vozes dissonantes daqueles que foram vítimas das violências perpetradas ao longo da conquista e de sua consolidação não prejudiquem a visão das benesses que se considera terem sido geradas graças aos esforços dos colonizadores. Tudo isso é facilitado pelo uso de certos artefatos tecnológicos para a dominação dos povos nas colônias fundadas, a exemplo das armas de fogo empregadas pelos conquistadores europeus na invasão das Américas e de outros continentes, as quais, como as asas mecânicas de Vitorino, lhes permitiram impor sua vontade sobre os nativos, como se o poder contido nessa superioridade técnica lhes desse o direito de submetê-los e governá-los, e até mesmo acreditando que tal domínio seria melhor para eles do que se vivessem por conta própria.

2. A descoberta austral: críticas ao colonialismo *versus* imperialismo benevolente

Nesse sentido, a continuidade da obra de Rétif nos traz ainda mais elementos para seguir tal discussão. À medida que a população do Monte Inacessível cresce, Vitorino percebe que

¹¹ Poder-se-ia dizer, então, que Vitorino conduziu-se com a *virtù* recomendada por Maquiavel quando enfatizou aos príncipes a relevância de sempre procurar passar ao povo uma imagem de seus atos que lhes seja favorável, o que seria facilitado pelo fato de que “Os homens, em geral, julgam as coisas mais pelos olhos que com as mãos, porque todos podem ver, mas poucos podem sentir. Todos vêem aquilo que parece, mas poucos sentem o que é; e estes poucos não ousam opor-se à opinião da maioria, que tem, para defendê-la, a majestade do estado” (2001, p. 85). Nesse sentido, não há um “tribunal universal” ao qual as ações dos príncipes estejam sujeitas, e por isso os juízos que são feitos sobre elas dependem de seus resultados serem ou não exitosos e da forma como são percebidas pelas pessoas. “Cuide pois o príncipe de vencer e manter o estado: os meios serão sempre julgados honrosos e louvados por todos, porque o vulgo está sempre voltado para as aparências e para o resultado das coisas, e não há no mundo senão o vulgo; a minoria não tem vez quando a maioria tem onde se apoiar”, conclui Maquiavel (2001, p. 85-86).

precisaria de muito mais espaço para abarcá-la, e então decide se dedicar a um ousado empreendimento, aquele que dá título ao livro, isto é, a “descoberta austral”. Ele se propõe a voar até os mares ao sul do Equador para encontrar alguma nova ilha ou continente que, como explica à sua esposa, “não seja habitado ou, pelo menos, que não o seja por nações poderosas às quais nossa vizinhança seria incômoda. Se eu encontrar estas últimas”, completa o personagem,

evitarei fazer com que sejam conhecidas pelos europeus. Buscarei descobrir uma terra fértil entre o quadragésimo ou o quadragésimo quinto grau (...). E quando estivermos bem estabelecidos, levarei a esses povos as artes e as ciências, mas terei o maior cuidado em lhes recomendar que evitem as navegações longínquas. Farei de modo com que eles não deixem suas costas e que avancem muito pouco em direção ao Equador (Rétif de la Bretonne, 1781, p. 177-178; tradução nossa).

Esse projeto revela uma dupla intenção de Vitorino: por um lado, ele deseja estabelecer uma nova colônia no hemisfério austral, o que implicaria impor a presença de seus súditos em terras nas quais já poderiam existir nativos com os quais eles teriam de lidar, independentemente da vontade desses nativos de receber estrangeiros em seu meio; por outro lado, ele pretende assumir uma posição de tutela sobre esses nativos, protegendo-os dos contatos nocivos com outros europeus. Isso porque, assim como em relação aos habitantes do Monte Inacessível, Vitorino almeja exercer um governo benevolente sobre os povos austrais do império que vai instituir, mesmo que para isso ele tenha que empregar métodos semelhantes aos que usou a fim de dar início à sua colônia na França.

A introdução da descoberta das terras austrais no romance fornece à narrativa de Rétif outros daqueles elementos que Darko Suvin considera caracterizarem a ficção científica em uma obra literária, pois significa o *novum* de um *locus* espaço-temporal até então desconhecido pelos europeus e cujas peculiaridades servirão como parâmetro seja para a tarefa colonizadora do protagonista e de seu povo, seja para os contrastes com as práticas sociais e políticas de seus antípodas do hemisfério norte. Igualmente, essa descoberta traz consigo também o *novum* representado pelos personagens exóticos que habitam as muitas ilhas austrais encontradas por Vitorino e seus filhos. De fato, os exploradores se deparam com criaturas dotadas de características físicas extraordinárias que lhes foram conferidas pelos caminhos inusitados tomados pela evolução natural nessa parte do mundo, com suas múltiplas expressões surpreendentes: os homens noturnos, muito semelhantes aos homens diurnos da Europa, mas com seu ciclo biológico invertido e adaptado ao período da escuridão; os homens-fera, no meio-termo entre a humanidade e a animalidade, com numerosas espécies nativas de cada uma das

ilhas, tais como os homens-leão, os homens-elefante, os homens-cão e os homens-serpente; por fim, os homens gigantes chamados de patagões e megapatagões, superiores pelo tamanho e pela sabedoria em comparação com os europeus. Quando Vitorino transporta pelo mar sua colônia do Monte Inacessível até a terra dos homens noturnos, ele a rebatiza como Ilha Cristina em homenagem à esposa – reproduzindo uma prática típica de seus conterrâneos ao “descobrirem” e tomarem novos territórios para si – e ali dá início ao processo de expandir seu império e difundir a civilização entre os nativos, tanto quanto eles fossem capazes de recebê-la, assim como entre as espécies de homens-fera¹². E o *modus operandi* então utilizado é o de recorrer novamente às vantagens proporcionadas pelas asas artificiais, que o protagonista e seus filhos usam para capturar um jovem casal de cada espécie e trazê-lo até a Ilha Cristina, onde educadores especialmente designados buscariam instruí-los na língua e nos costumes dos colonos, a fim de que, devolvidos posteriormente às suas respectivas ilhas, eles fizessem a ponte entre seu povo e os cristinianos, espalhando entre seus pares aquilo que haviam aprendido.

Esse aspecto do romance, como aponta Gilles Lapouge, mostra que Rétif “queria criar uma utopia capaz de levar em conta a evolução” (1990, p. 209), isto é, as ideias sobre as transformações nos mundos natural e humano que germinavam em sua época, e “contribuiu poderosamente para expor ao público leitor a visão dinâmica da vida e de seu poder de

¹² Muito embora a propagação do cristianismo não seja explicitamente colocada como uma meta do empreendimento imperialista de Vitorino, é possível ver que ela não deixa de ser evocada, de maneiras mais sutis, no enredo de Rétif. O próprio adjetivo gentílico usado pelo povo da colônia fundada no hemisfério austral remete indiretamente a essa religião por meio do nome dado à ilha em que se instalaram: Cristina, tal como o original francês *Christine*, vem do latim *christiana*, isto é, “cristã”. Desse modo, os colonizadores cristinianos aparecem na narrativa como pessoas virtuosas cuja conduta seria mais condizente com o cristianismo do que a dos habitantes do continente europeu. Isso é explicitado quando Hermantino, neto de Vitorino, fica admirado com a sabedoria das leis dos megapatagões e lhes diz que seu avô havia trazido consigo uma religião que continha máximas igualmente belas, “que ensina a igualdade e a fraternidade, que faz delas uma lei e declara que sem a caridade, quer dizer, a virtude pela qual amamos nossos irmãos, pela qual eles nos são prezados, nada mais somos do que seres vis e infelizes. Todos os preceitos dessa religião tendem ao altruísmo, à pureza dos costumes, à benevolência, à modéstia. Todos os grandes proprietários nela são malditos. Ela proíbe chamar qualquer um de seu senhor, pelo princípio de que todos são igualmente filhos de Deus. Ela ordena partilhar, com os irmãos, seu pão, suas vestes, sem acepção de pessoa, de nação, de religião, de sentimentos...” (Rétif de la Bretonne, 1781, p. 521-522; tradução nossa). Ele complementa com a afirmação de que seus compatriotas cristinianos colocavam em vigor e seguiam à risca todos esses preceitos, ao contrário dos europeus que se denominavam cristãos, mas, “arrastados por suas paixões, quase nada seguem de sua religião. Até mesmo alguns daqueles que, por sua posição, deviam fazê-la ser praticada, não são mais corretos. Eles são os primeiros a violá-la em seus pontos fundamentais, embora sejam os mais atentos dos homens em conservar as prerrogativas que ela lhes dá aos olhos dos povos” (1781, p. 522-523; tradução nossa). Portanto, também nesse aspecto, a utopia governada por Vitorino mostraria sua superioridade moral em relação às nações hipócritas do Velho Mundo, e nela o verdadeiro espírito do cristianismo regeria as práticas do imperialismo benevolente, de acordo com “as regras mais sábias” instituídas pela união entre a religião cristã e as luzes da razão vistas nas leis megapatagãs. Graças a elas, anuncia o Prefácio da obra, será visto esse legislador francês se comportar “em relação aos nativos com uma justiça, uma humanidade, uma bondade que às vezes provocam lágrimas deliciosas” (1781, p. 14; tradução nossa).

adaptação” (Corsi, 2018, p. 6)¹³. Desse modo, *A descoberta austral* contém elementos que mais tarde seriam abordados em outros romances de ficção científica¹⁴, em cujas páginas não apenas se especularia acerca de estranhas criaturas geradas por uma natureza intocada pelas mãos do homem, mas também sobre o que poderia resultar da intervenção humana nesse percurso evolutivo. Isso porque Vitorino decidiu colocar em marcha uma série de experiências para aprimorar as raças de homens-fera ao mesclá-las entre si e com os europeus de seu próprio reino. Logo, ele tentava acelerar o processo evolutivo que a natureza demorava tanto a realizar, e gerava novos súditos que, apesar das limitações em sua inteligência, ainda assim podiam ser úteis à colônia dentro de suas capacidades¹⁵. Aproveitando-se também da afeição que seus filhos sentiram por mulheres da raça gigantesca dos patagões, o soberano da Ilha Cristina viu aí a oportunidade para fazer de sua família o “laboratório” de uma nova geração humana que uniria a superioridade física dos colossos austrais com a engenhosidade dos europeus¹⁶. Tal manipulação de diferentes espécies figura como parte de um esforço de melhoramento da

¹³ Essa exposição assumiu uma forma literária n’*A descoberta austral*, mas ganhou uma feição mais sistemática em *A filosofia do Senhor Nicolas*, publicada por Rétif em 1796. Mesmo que seja controverso apontar nele um precursor das teorias de Lamarck ou Darwin, como Corsi ressalta, não deixa de ser relevante estudar suas obras como uma fonte acerca do pensamento científico do Iluminismo, contexto intelectual em que a História Natural figurava como um saber de grande interesse, tendo seus expoentes em pesquisadores como o sueco Carl Nilsson Linnæus e o francês Buffon. Outra fonte relevante nessa pesquisa é o texto intitulado *Cosmogénies*, inserido no último volume da própria coletânea que contém *A descoberta austral*, mediante o qual Rétif se propõe a analisar os “sistemas de formação do Universo, de acordo com os Antigos e os Modernos”, começando pelos egípcios e caldeus, passando pelos gregos e chineses, por Averróis, Avicena e os escolásticos, até chegar a Descartes, Espinosa, Newton e Buffon.

¹⁴ Tais como *O mundo perdido*, publicado em 1912 por Arthur Conan Doyle, e *A ilha do Doutor Moreau*, publicado por H. G. Wells em 1896.

¹⁵ Até mesmo antes dessas experiências, no início da colonização da Ilha Cristina, Vitorino já havia permitido aos seus súditos capturarem mulheres noturnas em vista de que não havia europeias em número suficiente para que desposassem. Embora se tratasse de raptos, semelhantes aos perpetrados pelo próprio Vitorino para povoar o Monte Inacessível, mais uma vez a narrativa se desenrola de modo a sugerir que as vítimas dessa violência posteriormente teriam encontrado a felicidade junto aos novos esposos, dado o tratamento gentil que receberam deles. “O prazer domou em muito pouco tempo essas esposas singulares” (1781, p. 196-197; tradução nossa), escreve Rétif, as quais geraram “mestiços muito singulares, mais ou menos parecidos com os homens diurnos, mas que se esperava aperfeiçoar essa nova espécie por meio de alianças” (1781, p. 201; tradução nossa).

¹⁶ Como bem observa Pamela Cheek, esse esforço de Vitorino para o aprimoramento de sua descendência já havia começado, de fato, quando de seu casamento com Cristina, pois “[s]ua união com ela é o primeiro ato de hibridização no texto, envolvendo uma transgressão da hierarquia social e uma mistura de sangue nobre e burguês” (2003, p. 172; tradução nossa). Ainda de acordo com a comentadora, o romance de Rétif “conta a história da perfeição da família de Vitorino ao longo de três gerações por meio do casamento; a família racialmente concebida funciona como o protagonista principal. O projeto de criar um homem regenerado é quase alcançado na figura do neto de Vitorino, Hermantino. Hermantino é o produto de uma união de primeira geração que é híbrida por posição social (Vitorino e a nobre Cristina) e de uma união de segunda geração que é híbrida por espécie (os filhos de Vitorino e as mulheres da Patagônia). O cruzamento na segunda geração engendra uma naturalização da superioridade da família de Vitorino ao fazer seu ‘aumento’ (‘agrandissement’) se manifestar no tamanho físico superior de Hermantino e seus primos” (2003, p. 175; tradução nossa). Tal busca pela superioridade, como Cheek observa e também buscamos mostrar neste trabalho, não deixa de entrar em contradição com o anseio de igualitarismo que perpassa as comunidades utópicas da obra.

natureza sob a direção da razão humana, tal como as reformas sociais empreendidas por Vitorino haviam sido o caminho para a criação de uma próspera utopia¹⁷.

É importante ressaltar novamente que essa imposição dos desígnios civilizatórios de Vitorino aos povos das ilhas austrais é retratada, na maior parte do tempo, como ações benéficas para eles, e são até mesmo contrastadas com o processo de colonização desenvolvido por outros europeus. Já no Prefácio d'*A descoberta austral*, isso é destacado por “T. Joly”, o editor fictício que teria recebido do autor “Dulis” (um *alter ego* literário de Rétif) a tarefa de publicá-la, quando ele diz que a conduta dos heróis da obra é a antípoda da adotada pelos espanhóis e demais “descobridores” das Américas, pois se esses heróis agiram como “amigos da humanidade” e respeitaram os direitos de propriedade dos nativos sem impor suas leis a eles – uma descrição, aliás, que pode ser questionada pela análise da narrativa das ações dos cristinianos, como é nosso intento aqui –, as descobertas empreendidas pelos outros colonizadores “[m]uito frequentemente, são um flagelo para a nação que se apropria delas. Ao invés de honrá-la, elas traçam, no espaço imenso dos tempos futuros, um longo filão de infâmia, de terror e de horror” (Rétif de la Bretonne, 1781, p. 10; tradução nossa), e teria sido muito melhor que o Novo Mundo jamais houvesse sido encontrado pelos espanhóis. Se estes conquistadores recebem as condenações mais duras, os ingleses e os portugueses não deixam de ser criticados. Quanto aos primeiros, são descritos como um “povo ambicioso, que não conseguiu conservar colônias saídas de seu seio” – ou seja, as estabelecidas na América do Norte –, e que por isso buscava obter novos domínios no hemisfério austral onde os nativos fossem dóceis o bastante para suportar o seu orgulho e os admirassem como “semideuses” (1781, p. 11-12; tradução nossa). Em relação aos segundos, são retratados como fanáticos religiosos capazes de atos de grande crueldade movidos pela intolerância¹⁸.

¹⁷ Para Florence Boulerie, nas experiências de cruzamento entre as espécies realizadas por Vitorino, observa-se que essa “mestiçagem permanece, entretanto, sempre sob o controle do político, o legislador intervindo para tornar obrigatório o casamento entre homens e mulheres da espécie superior, e limitar a concubinação com mestiços e homens-fera aos homens idosos e às viúvas. Uma ilha inteira é até mesmo reservada à população mestiça, à maneira de um gigantesco laboratório de história natural que, colocando os novos seres à parte, preservaria a hierarquia das espécies concebida por Rétif e, conseqüentemente, o equilíbrio político de sua ficção austral, fundada sobre um modelo supostamente igualitário e benevolente, mas, na realidade, bastante segregador” (2018, p. 3-4; tradução nossa).

¹⁸ Ao sobrevoarem a região indiana de Goa – então sob o domínio colonial português –, Hermantino e seus companheiros testemunham a realização de um auto de fé no qual seriam queimados alguns mouros, judeus e protestantes. O príncipe cristiniano aproveitou-se do espanto causado por suas asas artificiais para amedrontar aqueles que conduziam a cerimônia – os quais o tomaram por um anjo – e conseguiu salvar as vítimas que seriam executadas. Dirigindo-se aos portugueses, ele fez uma defesa veemente da liberdade de crença, ressaltando que os inquisidores e todos os que perseguem quem professa uma religião distinta da sua são “homens ímpios, mergulhados em uma estúpida ignorância, que, por uma horrível blasfêmia, conceberam o Soberano Ser com base em seus corações sanguinários” (Rétif de la Bretonne, 1781, p. 561-562; tradução nossa).

Hermantino, neto do protagonista, reitera a imagem benéfica de Vitorino e louva-o por ter conduzido

seu império como um príncipe sábio e justo. Não oprimiu os nativos das diferentes ilhas nem da sua, embora de uma espécie inferior à nossa (...). Longe de oprimi-los, em vez disso ele estabeleceu leis que lhes são vantajosas e que só podem melhorar sua sorte. Ele os educou, tanto quanto eram capazes de sê-lo, e assume em relação a eles, por si mesmo ou mediante as pessoas de sua família, cuidados verdadeiramente paternais” (*Rétif de la Bretonne*, 1781, p. 441; tradução nossa)¹⁹.

O narrador do romance, ele próprio um súdito cristiniano, chega a lamentar que os povos nativos das Américas não tenham sido colonizados por Vitorino e sua família:

Ah! Se, como os espanhóis, eles tivessem encontrado os mexicanos e os peruanos, que proveito não teriam tirado disso! Que felicidade para esses povos infortunados!... Que infelicidade, em contrapartida, para os homens brutos do polo austral, se o feroz conquistador do México tivesse descoberto as Ilhas Símia, Ursa, etc., ou o país dos patagões! Humilhado pela alta estatura destes últimos, ele teria desejado massacrá-los todos, e talvez tivesse encontrado a justa retribuição por essa barbárie nas mãos de seus vizinhos [...]. Desprezando, desdenhando as imperfeições dos semibrutos, ele os teria destinado à destruição, como se fossem feras, ou se reconhecesse neles algo de humano, mais cruel ainda por fanatismo, ele os teria condenado ao fogo, como sendo crias de incubos e de súcubos, ou como produto de uma antiga bestialidade (*Rétif de la Bretonne*, 1781, p. 342-343; tradução nossa).

E para evitar esse tipo de mal, isto é, para que outros europeus não pudessem macular a ordem estabelecida pelos cristinianos nas ilhas austrais sob sua tutela, Hermantino e os demais príncipes herdeiros ficavam atentos aos navegadores estrangeiros que chegavam aos mares do sul, e estavam até mesmo dispostos usar a superioridade tática das asas artificiais para atacar e destruir seus navios caso se aproximassem demais dos territórios governados por Vitorino²⁰.

¹⁹ Em visitas às várias ilhas de seu império, Vitorino buscava lembrar aos nativos o papel que acreditava ter exercido para melhorar suas vidas, pois buscava “fazê-los compreender que era seu pai, seu primeiro civilizador, seu amigo, seu benfeitor e seu chefe supremo” (*Rétif de la Bretonne*, 1781, p. 337; tradução nossa). Hermantino seguiu a trilha do avô, como relata o narrador da obra, segundo o qual esse “sábio príncipe (...) tem a satisfação de ver que os homens-fera se aperfeiçoam pouco a pouco, mas continuando com seus cuidados paternais, ele usa as precauções mais eficazes para que não sejam escravizados” (1781, p. 565; tradução nossa).

²⁰ Quando sua colônia ainda se localizava no Monte Inacessível, Vitorino chegou a nutrir o plano de se valer das asas artificiais como um verdadeiro dispositivo de dissuasão bélica, de modo a intervir nos conflitos entre os povos europeus para “civilizar” a resolução delas. Ele pretendia se tornar “o árbitro das disputas dos reis e das nações” (*Rétif de la Bretonne*, 1781, p. 168; tradução nossa) capturando os chefes em disputa e levando-os para o Monte Inacessível, ou ainda ameaçando-os com chuvas de pedras para aniquilar todos os insensatos que persistissem no desejo de fazer a guerra. Apesar de esse plano não ter sido posto em prática, uma ideia semelhante orientaria posteriormente os cuidados que Vitorino e seus herdeiros tomariam em relação ao seu império, como se vê no episódio em que *Rétif* se aproveita da viagem real feita em 1774 pelo capitão inglês James Cook às terras que seriam batizadas como Nova Zelândia, para incluí-lo na narrativa d’*A descoberta austral*. Após partirem da Megapatagônia, os príncipes cristinianos avistaram o navio de Cook e o seguiram pelo ar para conhecer qual seria sua rota. Mais tarde, sob ordens de Vitorino, retornaram para vigiá-lo novamente, e Hermantino “propôs-se a assustar o capitão durante a noite, e forçá-lo a abandonar o hemisfério austral, fazendo-o compreender, mediante sinais evidentes, que estavam dispostos a queimá-lo se ele não fosse embora” (1781, p. 534-535; tradução nossa).

Não obstante essas expressões críticas acerca do colonialismo praticado pelos europeus em contraposição ao imperialismo benevolente e protetivo dos cristinianos²¹, a obra de Rétif não é unívoca a esse respeito, pois quando avança até o relato sobre o modo de vida dos megapatagões, esse povo é que passa a ser tomado como parâmetro superior em comparação ao de Vitorino e seus súditos. De fato, em visita à terra desses gigantes, Hermantino e seus companheiros mostram-se bastante entusiasmados com a organização social que veem ali, marcada pelo igualitarismo dos cidadãos²², pelo bem-estar garantido em trabalhos necessários distribuídos com justiça, pela alegria geral proporcionada por divertimentos simples e frequentes, enfim, por leis sábias e costumes virtuosos adotados sem dificuldade por todos em prol do benefício geral e da felicidade de cada um²³. Assim, se a comunidade da Ilha Cristina já era representada com ares utópicos quando cotejada com as sociedades da Europa, a dos megapatagões torna-se, a partir de então, fonte de ensinamentos que os jovens príncipes buscarão implementar para aperfeiçoar ainda mais as instituições e a conduta de seu povo. Tal projeto encampado por Hermantino começa a ser paulatinamente colocado em prática com a anuência de Vitorino, que decide aprofundar a igualdade entre os cristinianos proclamando a propriedade comum dos bens para as gerações futuras e transformando seu reino em uma

Entretanto, como Cook não chegou a avistar nenhuma das ilhas do Império Cristiniano, deixaram-no partir em segurança.

²¹ As críticas nesse sentido também abarcam o caso dos habitantes do Taiti, ilha do Oceano Pacífico que havia sido conhecida pelos espanhóis no século XVII, mas que somente no século seguinte passou a receber europeus com mais frequência, sobretudo após a viagem do explorador francês Louis-Antoine de Bougainville (1729-1811), em 1768, o qual fez a seus contemporâneos uma descrição quase paradisíaca da vida no local. Desde então, a presença dos estrangeiros causou grandes problemas ao povo da ilha, difundindo o consumo de álcool, a prostituição e doenças, o que reduziu drasticamente a sua população. No romance de Rétif, um dos sábios megapatagões lamenta a desigualdade que fora estabelecida no Taiti e nas ilhas vizinhas nesse contexto, pois desde que tal situação surgiu, “esses povos não têm mais costumes. Eles prostituem suas mulheres, têm sociedades infelizes nas quais a natureza é ultrajada... Mas eu sofro em vos falar dessas desgraças que conheceis tão bem quanto nós” (Rétif de la Bretonne, 1781, p. 483; tradução nossa). Em 1842, o Taiti foi incorporado como província francesa.

²² Ao menos até certo ponto, pois as mulheres não tinham o mesmo status que os homens, uma característica que certamente poderia ser questionada nessa utopia austral, como um aspecto do ancoramento histórico do pensamento de Rétif sobre as desigualdades de gênero, algo explícito também em outra de suas obras, *Les Gynographes* (de 1777), na qual ele já havia apresentado um projeto de reformas em vários âmbitos da sociedade, incluindo a educação, com o intuito de “recolocar as mulheres em seu lugar”. Em *A descoberta austral*, é recorrente a imagem de personagens femininas retratadas como objetos quase passivos dos desejos e paixões dos homens, como no caso de Cristina e das mulheres austrais capturadas para se tornarem esposas, e que acabam por se mostrar muito dóceis aos desígnios deles após sentirem os “prazeres” desses relacionamentos, como observado acima. Trata-se de um tema que merece ser estudado com mais aprofundamento – abrangendo a possibilidade de contraste com as gigantes patagãs que, na narrativa de Rétif, se revelam muito mais hábeis em fazer valer suas vontades diante dos homens –, mas que terá de ser analisado em outra oportunidade, dados os limites deste artigo.

²³ Tal código de leis era bastante curto e considerado suficiente pelos megapatagões para reger bem sua sociedade, pois continha apenas cinco artigos: “1. Sê justo em relação a teu irmão, quer dizer, nada exijas dele, nada lhe faças que tu mesmo não queiras dar ou que não queiras que te façam. 2. Sê justo em relação aos animais, tal como gostarias que fosse em relação a ti um animal superior ao homem. 3. Que tudo seja comum entre iguais. 4. Que cada um trabalhe para o bem geral. 5. Que cada um participe dele igualmente” (Rétif de la Bretonne, 1781, p. 481; tradução nossa).

república administrada por magistrados eleitos pelos cidadãos²⁴. E por mais que desejasse acelerar esse processo, Hermantino compreendeu a necessidade de dar tempo aos colonos para que assimilassem um modo de vida cada vez mais distinto do que servira a seus antepassados e a eles mesmos antes de integrarem aquela sociedade, de maneira que a narrativa de Rétif se conclui quando esse trabalho de reforma da legislação ainda era uma obra em andamento.

Tendo em mente esses diversos quadros comparativos entre as sociedades reais e as ficcionais retratadas no texto de Rétif, é possível avançar outra vez na análise daquele aspecto do *novum* que emerge na ficção científica elaborada pelo autor, na medida em que, de acordo com os termos elaborados por Darko Suvin, esse *novum* pode adquirir a feição de “uma realidade alternativa, a qual possui um tempo histórico diferente, correspondente a relações humanas e a normas socioculturais distintas, atualizadas pela narração”. Porém, como Suvin, complementa, “[e]ssa nova realidade pressupõe a existência da realidade empírica do autor, declarada ou tacitamente, visto que pode ser avaliada e compreendida apenas como a realidade empírica modificada de qualquer modo” (2021, p. 176). Em *A descoberta austral*, como estamos vendo, a “realidade alternativa” é configurada nos territórios do hemisfério austral, onde as relações humanas e as normas socioculturais são ficcionalmente reorganizadas em contraste com as da terra natal do protagonista, isto é, a França do Antigo Regime que era, igualmente, a realidade empírica do próprio Rétif. Suvin observa que a

realidade alternativa, proveniente do núcleo narrativo do *novum* e almejada por ele, evidentemente, pode apenas funcionar no retorno pendular da realidade do autor [...], porque consiste, como um todo, em uma *analogia* com aquela realidade empírica, ou porque algumas de suas relações focais correspondam a essa analogia. Não importa o quão fantásticos sejam os mundos descritos e as personagens (no sentido de não verificáveis empiricamente), sempre *de nobis fabula narratur* (2021, p. 180)²⁵.

Nisso está implicado, ainda na concepção de Suvin, que a ficção científica é “um certo tipo de relato histórico imaginativo”, pois permite ao escritor tecer comentários sobre seu

²⁴ Com relação a essa alteração democratizante no regime político da Ilha Cristina, pode-se retomar os comentários anteriores baseados em uma leitura maquiaveliana das ações de Vitorino. Por essa ótica, como vimos, tais ações extraordinárias seriam justificáveis pelo objetivo de fundar um novo corpo político, pois era preciso que o personagem estivesse em condições de organizá-lo bem a partir de suas próprias ideias. Entretanto, nos *Discursos* (livro I, capítulo 9) Maquiavel complementa essa discussão dizendo que “ainda que um só seja capaz de ordenar, a coisa ordenada não durará muito se repousar sobre os ombros de um só, mas apenas quando for entregue aos cuidados de muitos, e a muitos couber mantê-la. Porque, assim como muitos não são capazes de ordenar uma coisa, por não conhecerem o bem que há nela, devido às diferentes opiniões que têm entre si, uma vez que o saibam, não se conformam em abandoná-lo” (2007, p. 42). Portanto, ao aceitar que seus súditos passassem a decidir, como cidadãos, os rumos da colônia dali em diante, Vitorino teria mais uma vez demonstrado sua grande *virtù* como fundador político, fazendo com que eles se engajassem ativamente na preservação de sua república bem-ordenada.

²⁵ Ou seja, “uma fábula é contada sobre nós”.

próprio contexto social de forma indireta, isto é, mediante um “truque epistemológico” em que a fuga da realidade

se dá em direção a uma posição estratégica melhor para a compreensão das relações humanas em torno do autor. É uma fuga das antigas normas, constringentes, para um fluxo temporal diverso e alternativo, um mecanismo de estranhamento histórico e uma disponibilidade, ao menos inicial, para novas normas da realidade, para o *novum* da história humana desalienante (2021, p. 189).

Nesse sentido, o voo de Vitorino e de seus descendentes rumo às terras austrais seria o “truque epistemológico” por meio do qual Rétif se coloca em uma perspectiva privilegiada para abordar criticamente as relações humanas na França do século XVIII, bem como para promover a reflexão sobre outras possibilidades de ordenamento social que, em sua visão, romperiam com certos preconceitos vigentes na época, tais como os que naturalizavam as hierarquias políticas e as desigualdades econômicas. Na utopia que vai progressivamente se constituindo e se refinando sob a liderança de Vitorino, de seus filhos e netos, sobretudo de Hermantino, há a busca contínua por uma nova realidade que liberte os seres humanos dos limites opressivos típicos da cultura aristocrática europeia em aspectos bastante significativos, ainda que essa ultrapassagem não se estenda a todos os pontos imagináveis, sem dúvida. O que é interessante ressaltar é que, ao final da obra, a república cristiniana delineada pela ficção de Rétif não é uma sociedade pronta, solidificada e fechada, portanto, à mudança, mas ainda em processo de aprimoramento graças às reformas inspiradas nos costumes aprendidos com os megapatagões.

Algo que merece uma atenção especial para os objetivos deste trabalho consiste em que os comentários mais incisivos existentes n’*A descoberta austral* a colocar em dúvida a positividade da colonização promovida por Vitorino e seus herdeiros, vêm justamente desses gigantes extraordinários. Antes de eles aparecerem no texto, há apenas algumas breves reflexões nessa direção feitas por Alexandre, filho de Vitorino, depois de testemunhar a vida pacífica desfrutada pelos raça dos homens-burro em uma das ilhas visitadas pelos exploradores cristinianos. Guiados poderosamente por seus instintos, esses seres conviviam em harmonia e zelavam muito bem uns pelos outros, cuidando de suas crianças de modo comunitário. Diante disso, o jovem príncipe disse a si mesmo:

Mas eles são felizes na brutidão, esses homens-burro! Eles sentem vivamente, desfrutam com êxtase, encontram facilmente o objeto de seu desejo. O que mais é necessário para ser feliz?! Ah, que pena! O que nós lhes daríamos quando chegássemos a elevá-los ao nosso grau de inteligência e de razão? Não seria uma perda real para eles se adquirissem, ao mesmo tempo, nossas inquietações, nossas paixões interesseiras e baixas, nossa ciência fatal do bem e do mal, e o conhecimento da morte? Ah! O que fazemos? (Rétif de la Bretonne, 1781, p. 359; tradução nossa).

Entretanto, esses questionamentos sobre as práticas realizadas pelos cristinianos – que nos lembram dos contrastes rousseauianos entre a inocência dos selvagens e a corrupção dos civilizados, traçados no *Discurso sobre a origem da desigualdade*²⁶ – não chegaram a se manter por muito tempo na mente de Alexandre, pois, como se lê na sequência, os interesses da colonização acabaram se sobressaindo em seus pensamentos, e “após um exame maduro, [ele] considerou que esses homens-burro podiam ser úteis, não para produzir acadêmicos, mas vigorosos carregadores” (1781, p. 360; tradução nossa), uma ideia que só não foi levada adiante pelo temor de que eles acabassem sendo transformados em escravos.

Posteriormente na obra, encontram-se as reflexões ainda mais maduras expostas por aqueles que servem como modelo de uma humanidade física e moralmente superior à dos próprios cristinianos e, por extensão, à dos europeus em geral. O primeiro desses comentários aparece na narrativa quando Hermantino e seus companheiros estão aprendendo sobre o sistema científico de compreensão da natureza que lhes é apresentado por um dos sábios megapatagões chamado Noffub. Significativamente, esse nome é o inverso do nome do grande naturalista francês do século XVIII, Georges-Louis Leclerc, o conde de Buffon, cujas teses o gigante considerou equivocadas após ter lido os livros que Hermantino lhe emprestou²⁷. O megapatagão explica que existe na natureza um imenso ciclo vital posto em movimento pelo Grande Animador – isto é, a divindade da qual emana o cosmo –, em que a cadeia dos seres evolui no planeta partindo das formas mais rudimentares até chegar ao ser humano, o último grau de perfeição entre os animais. Porém, ao longo desse processo, a natureza realizou milhares de “ensaios” antes de gerar o homem, produzindo no percurso diferentes espécies de símios e de misturas com outros animais, a exemplo dos homens-fera das ilhas austrais. Ele supõe que tais seres, e até os homens gigantes, devem ter surgido igualmente no hemisfério norte, mas foram aniquilados pelos homens

²⁶ Ao descrever os selvagens em sua hipotética condição original de natureza, Rousseau supõe “que os homens nesse estado, não tendo entre si qualquer espécie de relação moral, nem deveres conhecidos, não poderiam ser bons nem maus, e não tinham vícios nem virtudes, a menos que, tomando essas palavras em um sentido físico, chamemos de vícios no indivíduo as qualidades que podem prejudicar sua própria conservação, e de virtudes aquelas que podem contribuir para ela. Nesse caso, deveríamos chamar de mais virtuoso aquele que resistisse menos aos simples impulsos da natureza. Entretanto, sem nos afastarmos do sentido comum, é oportuno suspender o juízo que poderíamos fazer sobre tal situação e desconfiarmos de nossos preconceitos até que, com a balança na mão, tenhamos examinado se há mais virtudes do que vícios entre os homens civilizados, ou se suas virtudes são mais vantajosas do que seus vícios são funestos, ou se o progresso de seus conhecimentos é uma compensação suficiente pelos males que eles se fazem mutuamente, à medida que vão se instruindo sobre o bem que deveriam fazer uns aos outros, ou se não estariam, afinal de contas, em uma situação mais feliz de não ter nem mal por temer nem bem por esperar de ninguém, do que estarem submetidos a uma dependência universal e se obrigarem a receber tudo daqueles que não se obrigam a lhes dar coisa alguma” (1964, p. 153-153; tradução nossa).

²⁷ Note-se que o idioma falado na Megapatagônia era o francês escrito ao contrário, uma brincadeira feita por Rétif com a ideia de que essa ilha era uma antípoda da França não apenas por sua posição no globo, mas também por suas características culturais.

comuns que, “agitados e temperamentais, não desejando tolerar coisa alguma que não se assemelhasse a eles, no físico como no moral, destruíram tudo o que não se enquadrava em suas ideias sobre a perfeição, mesmo que fosse mais perfeito do que eles”. O personagem complementa sua crítica aos europeus dizendo que “[e]les querem que tudo esteja no mesmo nível no físico, mas em contrapartida, no moral e no político, os mais monstruosos disparates nada têm que lhes repugne”. Ele então contrasta essa atitude com a adotada pelos megapatagões:

Quanto a nós, respeitosos filhos da natureza, honramos todas as suas obras. Deixamos aos homens-macaco, elefante, leão, touro, etc., as ilhas onde nasceram, e os deixamos viver como eles desejam. Convencidos de que não somos mais sábios do que a natureza, estendemos nossa justiça até os homens-serpente (Rétif de la Bretonne, 1781, p. 462-463; tradução nossa).

Desse modo, percebe-se que a observação cuidadosa da ordem natural concedeu a esse povo um conhecimento mais elevado sobre ela e o lugar de cada criatura em seu interior, em seus múltiplos vínculos e escalões evolutivos, levando-o a adquirir um profundo respeito pela diversidade existente no mundo, um conhecimento do qual os europeus haviam se privado devido às suas milenares práticas predatórias que acabaram por eliminar grande parte dessas gradações nas terras por eles habitadas. Por isso, o gigante aconselha os cristinianos a não seguirem o caminho preconceituoso e nocivo de seus antepassados:

Quanto a vós, que fostes instruídos por vossa estada nestes climas, retrocedei de vossos erros. Admirai a marcha da natureza e, principalmente, não aniquileis, sob o pretexto de corrigi-la, os graus que ela deixou ao homem racional para descer aos abismos ou se elevar às suas perfeições (Rétif de la Bretonne, 1781, p. 463-466; tradução nossa).

Dias depois, quando da partida dos jovens príncipes para retornarem à sua casa, o ancião Noffub gentilmente reforça essa recomendação, tendo em vista o que os cristinianos vinham fazendo aos povos austrais desde a sua chegada:

Meus queridos filhos, sei qual foi a vossa conduta com as diferentes espécies de homens que descobristes. Ela é digna de louvor, mas, acreditai-me, não vos intrometais tanto nos assuntos desses povos. Imperceptivelmente, vós vos consideráveis os mestres e proprietários deles, o que seria um grande mal! [...] Cabe a vós fazer uso de vossa razão e chegar à conclusão. Escrevei em letras douradas, e em todas as línguas conhecidas, sobre a entrada principal de vossa cidade: *Sem a igualdade perfeita não há virtude, não há felicidade* (Rétif de la Bretonne, 1781, p. 531-532; tradução nossa).

Podemos concluir dessas palavras, portanto, que o igualitarismo da sociedade bem-ordenada dos megapatagões ia de par com sua reverência pela pluralidade dos seres, graças à

qual eles rejeitavam projetos civilizatórios como os de Vitorino em relação aos homens-fera, pois ainda que fossem bem-intencionados – e tais intenções, como estamos problematizando aqui, são sempre passíveis de questionamentos –, tendiam a resultar em prejuízos aos povos sobre os quais recaíam essas interferências. E se tanto a sabedoria quanto os costumes dos gigantes eram superiores aos dos cristinianos, como Hermantino e seus compatriotas admitem, essa crítica ao imperialismo benevolente não seria, afinal de contas, uma das lições mais importantes a serem extraídas d’*A descoberta austral*?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com essa pergunta que evidencia a ambiguidade dos grandes feitos dos protagonistas da obra, aproximamo-nos do fim do caminho proposto pelos objetivos deste trabalho, munidos de uma série de ideias que a intersecção entre utopia e ficção científica imaginada por Rétif nos oferece para a reflexão. Sem dúvida, o modo como o enredo do romance mobiliza personagens, ações e discursos, abrindo diferentes possibilidades interpretativas sobre eles, torna esse texto uma ótima fonte para se investigar abordagens críticas acerca dos processos históricos de colonização empreendidos pelos europeus, tais como elas estavam sendo elaboradas por pensadores do século XVIII. Desse modo, se em um primeiro olhar a forma de expansão colonial adotada pelos heróis da obra parece colocá-los como antípodas dos conquistadores espanhóis, portugueses e ingleses, caracterizados como violentos, ambiciosos e intolerantes, a análise mais apurada desse imperialismo benevolente explicita, como em um espelho ficcional, uma outra face da conquista exercida sobre os povos originários dos continentes invadidos pelos europeus. Trata-se de uma face que, adornada de feições gentis e generosas, busca legitimar paternalisticamente um domínio imposto à força sobre povos tidos como inferiores e sub-humanos, supostamente em prol deles mesmos, como na missão civilizatória dos homens-fera levada adiante pelos cristinianos. Temos aí uma metáfora literária para as narrativas retratando a colonização como uma espécie de tutela a ser assumida pelos europeus a fim de aperfeiçoarem aqueles seres que, a seus olhos, ainda estavam próximos da animalidade, selvagens sem cultura que precisavam ser conduzidos a um patamar mais elevado de humanidade pelo cuidadoso trabalho educativo de seus captores, independentemente de haver ou não a anuência dos colonizados nesse sentido²⁸. É bastante apropriada, então, a imagética da ave de rapina atribuída

²⁸ No século XIX, uma expressão da defesa desse tipo de tutela pode ser encontrada na obra *Considerações sobre o governo representativo*, do filósofo inglês John Stuart Mill, principalmente no capítulo que discute o tema da

a Vitorino e seus herdeiros nas ilustrações d'*A descoberta austral*. Esses homens alçados às alturas pelo poder tecnológico de suas asas artificiais habituaram-se a olhar de cima para os demais, como presas que eles podiam facilmente apanhar a fim de utilizar em seus experimentos sociais e evolutivos voltados à criação dos habitantes de uma utopia colonial. Tais experimentos não deixam de ser evocativos das práticas de gestão racial das populações que, nos últimos séculos, foram realizadas em diversos países das Américas, incluindo o Brasil, onde a miscigenação entre colonizadores europeus e mulheres de origem indígena e africana serviu aos primeiros, em grande medida, de método para produzir uma descendência que podia ser empregada como mão de obra na exploração dos territórios conquistados, e até mesmo como mercadoria para aumentar o capital dos senhores, no caso dos filhos de mulheres escravizadas que também eram reduzidos à condição das mães. Igualmente, essas práticas nos remetem às políticas eugenistas utilizadas por elites que viam a miscigenação em si como um problema a ser superado por meio da ampliação do componente das “raças” brancas na população, a exemplo do que ocorreu em nosso país a partir da segunda metade do século XIX, quando esse objetivo foi promovido com incentivos para se trazer a estas terras novos contingentes de imigrantes europeus dotados de qualidades vistas então como mais propícias ao progresso social, cultural e econômico²⁹. Para os que atendiam a esse chamamento, a América parecia a terra das oportunidades, não obstante o aproveitamento dessas oportunidades se desse, muitas vezes, em detrimento dos que aqui já estavam e levasse ao acirramento das desigualdades resultantes de séculos de exploração colonial. Com as dubiedades e os paradoxos de sua utopia colonial, enfim, a descoberta austral narrada por Rétif nos permite refletir criticamente sobre essas questões raciais, bem como sobre as violências explícitas ou veladas por discursos justificatórios que perpassam a realidade da colonização e do imperialismo.

REFERENCIAS

BOULERIE, Florence. Entre singe et oiseau, l’homme amélioré par l’animal chez Rétif de la Bretonne. **Ostium**: Internetový Časopis Pre Humanitné Vedy, v. 14, n. 2, p. 1-11, 2018.

CHEEK, Pamela. **Sexual antipodes**: Enlightenment globalization and the placing of sex.

nacionalidade (1981, p. 157-162). O autor salienta os benefícios que certos povos podem ter ao serem colonizados por outros mais desenvolvidos em termos civilizacionais, como era o caso, em sua visão, da Índia sob o domínio imperial britânico. Assim, Mill acreditava na missão civilizadora assumida pela Companhia Inglesa das Índias Orientais – onde trabalhou por mais de trinta anos –, a qual exercia um “despotismo benevolente” sobre povos que ainda não teriam atingido um grau de civilização próprio para adotar instituições livres.

²⁹ Ver a análise de Lília M. Schwarcz (1993) acerca dos discursos de políticos e intelectuais sobre a questão racial no Brasil durante o período de 1870 a 1930.

Stanford: Stanford University Press, 2003.

CLARKE, Arthur C. **Profiles of the future**: an inquiry into the limits of the possible. Toronto: Popular Library, 1977.

CORSI, Pietro. Systèmes de la nature and theories of life: bridging the Eighteenth and Nineteenth Centuries. **Republics of Letters**, v. 6, n. 1, p. 27, 2018.

DIDEROT, Denis. Suplemento à viagem de Bougainville ou diálogo entre A e B. Tradução de J. Guinsburg. In: **Voltaire; Diderot**. São Paulo: Abril Cultural, 1973, p. 429-455. (Os Pensadores).

LAPOUGE, Gilles. **Utopie et civilisations**. Paris: Albin Michel, 1990.

MAQUIAVEL, Nicolau. **O Príncipe**. Tradução de Maria Júlia Goldwasser. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MAQUIAVEL, Nicolau. **Discursos sobre a primeira década de Tito Lívio**. Tradução de M F. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

MERCIER, Louis-Sébastien. **L'an deux mille quatre cent quarante**: rêve s'il en fut jamais. Londres: [s.n.], 1771.

MILL, John Stuart. **Considerações sobre o governo representativo**. Tradução de Manuel Innocêncio de Lacerda Santos Jr. Brasília: Editora da UnB, 1981.

MORE, Thomas. **Utopia**. Tradução de Anah de Melo Franco. Brasília: Editora da UnB; IPRI, 2004.

RÉTIF DE LA BRETONNE, Nicolas-Edme. **Les Gynographes**. La Haye: Gosse & Pinet, 1777.

RÉTIF DE LA BRETONNE, Nicolas-Edme. **La découverte australe par un homme-volant, ou le Dédale français**. Paris: Slatkine, 1781. 3 V.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Œuvres complètes**. Paris: Gallimard, 1964. V. 3.

SANDERS, Scott. Flying the colonial skies during the French Enlightenment. In: MATHER, Philippe; RHEAULT, Sylvian (ed.). **Rediscovering french science-fiction in literature, film and comics**. Newcastle: Cambridge Scholars Publishing, 2015, p. 41-62.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças**: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SUVIN, Darko. **Metamorphoses of science fiction**: on the poetics and history of a literary genre. New Haven; Londres: Yale University Press, 1979.

SUVIN, Darko. A ficção científica e o *novum* (1977). Tradução de Larissa Costa da Mata. **Outra travessia**, v. 32, p. 167-193, 2021.